



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

O SUJEITO AFÁSICO, NÃO ALFABETIZADO, NA SOCIEDADE DE TRADIÇÃO ESCRITA

Nirvana Ferraz Santos Sampaio
(UESB)

RESUMO

Este artigo apresenta alguns comentários sobre o afásico, não alfabetizado, em uma instituição de longa permanência. Partimos de Houis (1971) que observou a importância do não verbal em sociedades de tradição oral para olhar para os dados do sujeito afásico em estudo.

PALAVRAS CHAVE: Linguagem, Neurolinguística, Afasia

INTRODUÇÃO

Para tecer comentários a respeito de um caso de afasia de um idoso que se encontra em uma instituição de longa permanência, consideramos importante abordar, em princípio, as sociedades de tradição oral. Para tanto, retomaremos os estudos de Houis (1971) que, além de observar as comunidades linguísticas Swahili, Kituba e Hausa, abordou temas que apreciaremos, neste texto, e que nos auxiliaram a observar o senhor FQ e sua linguagem.

· Doutora em Linguística pela UNICAMP. Professora do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários e do Programa de Pós-graduação em Linguística da UESB. Líder do Grupo de Pesquisa e Estudo em Neurolinguística (GPEN/CNPq/UESB). Trabalho fruto do Projeto com financiamento do CNPq processo 471384/2010-0. E-mail: nirvanafs@terra.com.br



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Notas Sobre o Trabalho de Houis (1971)

O tema central do trabalho de Houis (1971) é a linguagem africana, especificamente a oralidade, considerando-a como veículo de cultura nas comunidades africanas. Dessa forma, seu trabalho tem como objetivo integrar os problemas cardeais de descrição e de tipologia fonológicos e gramaticais numa abordagem mais geral de ordem sociológica e histórica. Ele conduz seu trabalho a partir de múltiplas interrogações de acordo com um vasto leque de problemas; faz um levantamento histórico da linguística africana, relacionando-a a colonização com a evolução da antropologia e da linguística do século XIX.

Houis (1971) afirma que é necessário compreender a enorme diferença que existe entre a civilização mundial de origem européia e a civilização africana, principalmente do ponto de vista oral. A oralidade não é a ausência ou a privação de escrita, definindo positivamente como uma técnica e uma psicologia da comunicação a partir do momento em que aponta três temas fundamentais: a problemática da memória numa civilização de oralidade, a importância sociológica, psicológica e ética da palavra proferida, e, por último, a cultura dada, transmitida e renovada através de textos de estilo oral do qual as estruturas ritmadas são métodos mnemotécnicos de atenção.

Houis (1971) reserva um capítulo para abordar uma civilização de oralidade, considerando-a por meio de uma “filologia” de textos de estilo oral, um estilo que é diferente da moldagem da escrita, mas que é sensível ao que lhe impõe o ritmo. Houis cita Marcel Jousse que considera a existência de três grandes tipos de textos: os estritamente orais; os escritos e os orais que são transcritos. Dessa forma, o destino fundamental dos textos se reflete necessariamente nas suas estruturas. Os textos autenticamente orais são marcados por uma pontuação ritmada, períodos curtos, orações coordenadas que facilitam a memorização do



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

narrador e a compreensão do público. Os textos escritos podem, ao contrário, ter longos períodos e orações subordinadas, através dos quais se conectam implicações.

A partir do estilo oral, da oralidade, e da possibilidade de uma civilização da oralidade é que Houis examina a África. Ele observa a problemática relacionada a uma sociedade que se evolui através do tempo, e tudo que se perpetua, de acordo com diversas modalidades de expressão, o patrimônio cultural que lhe é próprio, ou seja, um conjunto complexo de tecnologias e valores, no seu sentido mais amplo, é uma problemática da memória. Ele alerta que seria absurdo crer que só a escrita permite a fixação e questiona: Como a memória opera numa civilização oral? Tentando responder essa pergunta, Houis lembra que a antropologia não parece ter sido muito atenta às respostas para essa questão, até então, lembrando, ainda, que a escrita é idealizada como um traço de civilização e a sua ausência como sendo próprio de uma civilização sem berço, e os textos orais são considerados como folclore. A oralidade, encarada como uma técnica de comunicação, é considerada aquém da eficácia da escrita, e seria algo a se perpetuar paralelamente, ou mesmo complementarmente. Houis aborda essa problemática complexa através de quatro temas: as relações de comunicação oral, a memória institucionalizada, a palavra proferida e a estrutura dos textos de estilo oral.

Os textos orais revelam à sociedade a sua própria identidade, a sua história, o seu presente que são atualizados incessantemente pela voz e por um público receptivo. De acordo com Houis, a palavra é proferida, o falar é a realização necessária da superioridade da memória, é a condição que associa falantes e ouvintes. Assim, a palavra proferida assume uma função de integração social.

Houis questiona: como o homem conserva as ações do universo onde vive e transmite-as aos seus descendentes? verificamos, gradualmente, a resposta no



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

texto de Houis: pela superioridade da memória, o homem organizou a sua comunidade tecendo relações sociais cuja finalidade visa assegurar a manutenção e a transmissão de valores tecnológicos e éticos; a palavra, ao mesmo tempo, conserva e reelabora um presente sócio-dramático, prova-se numa expressão comunitária infinitamente rica. A afetividade e a inteligência humanas são exaltadas pela presença do outro. O homem dispõe de um saber que a linguagem suscita à vontade atualizando textos pacientemente aprendidos em contato com o mais velho.

No plano geral da investigação, conduzido sobre a semiologia, e a "etnologia dos símbolos", os textos orais não aparecem como meramente depósitos que revelam uma história e uma cultura, mas como os testemunhos de uma comunicação viva, às vezes contingente, às vezes regulada ritualmente, por interlocutores que revelam uma história e uma cultura através de um imaginário.

Houis assevera que a língua se encontra integrada numa antropologia que, por essência, é sintética, porque o sentido dos textos manifesta as relações que os unem à sociedade e a cultura. Utilizando as palavras de Adam Schaff, Houis ressalta a importância da linguagem verbal, pois "... em todas as civilizações conhecidas, a linguagem verbal foi e é não somente o principal meio de comunicação entre os homens, o meio sem o qual qualquer progresso no domínio da ciência, da cultura e a técnica seria impossível."

Quanto às relações de comunicação, ele faz alusão que nessas sociedades há outros vetores da comunicação, como os tambores, as flautas e os assobios.

Com relação aos signos não-verbais, entram os gestos globais. Ele exemplifica com uma situação em Diola (Senegal) com os seguintes gestos: as duas mãos sobre a cabeça, os dedos juntos, os cotovelos trazidos para a frente; os dedos juntos sobre a nuca significam que o homem é inquieto, cheio de preocupações.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Diante desse contexto, questionamos: como olhar para o sujeito que não é alfabetizado, tem uma afasia de expressão e mora em uma instituição de longa permanência para idosos em uma sociedade que valoriza o oral e o escrito? Esse sujeito está privado do falar e não possui a tecnologia da escrita e as suas relações sociais foram abaladas.

O Sujeito FQ: um caso de Afasia

O que se escuta sobre o senhor FQ é que “ele apresenta uma fala truncada”, “não fala coisa com coisa”, “parece que sempre fala a mesma coisa ‘quiquiqui’”, o que levou ao diagnóstico de gagueira (consta no prontuário da instituição e questionamos). Essa forma de se expressar verbalmente (interrupções na fala, dificuldade em repetição de palavras, o que acarreta em dificuldade de compreensão por parte dos interlocutores) não tem uma causa definida.

Segundo Jakobson (1959/1975, p. 66), os sujeitos afásicos podem gerar “equivalência na diferença e a possibilidade de traduzir signos por outros signos pertencentes ao mesmo ou a outro sistema” na tentativa de fazer aquilo que os outros sujeitos fazem e que é, segundo Franchi (1977), produzir significações.

O sujeito em questão apresenta humor apropriado, comportamento organizado e socialmente apropriado, bem como, aspectos mentais de orientação espaço-temporal também preservados. No entanto, possui comprometidas as habilidades da linguagem falada. As alterações de linguagem limitam o desenvolvimento pessoal e a interação interpessoal dos sujeitos restringindo a sua vida social. Por isso, a partir dos dados já coletados e das observações longitudinais que fizemos até o presente momento, investigamos os meios alternativos de significação utilizados pelo sujeito em questão³⁶³. Podemos

³⁶³ Verificar o trabalho de Lucélia Teixeira Santos Santana apresentado neste mesmo evento.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

observar que FQ faz uso de processos alternativos de significação para se fazer entender (fazendo uso das pantomimas, gestos, para se colocar na conversa novamente). Em alguns momentos, percebemos que FQ silencia como se ficasse sem saída para se colocar na conversa. Em outros momentos, em que o sujeito não utiliza outras estratégias para preencher a falta do verbal ele recorre ao não verbal. Há, entretanto, muitos momentos em que não é compreendido.

Esse sujeito que tem como sonho aprender a escrever, também não tem uma fluência verbal aceita pela sociedade. Entretanto, quando analisamos uma conversa entre FQ e ILs (aluna de iniciação científica) sobre uma amiga de FQ (DM) – dentro deste contexto, FQ brinca com a amiga e ela fala que não quer conversa com ele porque ele a agarrou em um outro momento – verificamos que ele utiliza o verbal e o não verbal para se fazer entender, vejamos:

ILs questiona o senhor FQ: “Foi o senhor que não quis?” FQ, depois de várias tentativas, responde: “Que não [init] quis não”
--

Para compreendê-lo, é necessário observar os elementos não verbais, visto que ele faz gestos com as mãos e faz carinho nos próprios braços, aponta para DM e faz sinal negando. Esta sociedade não está preparada para acompanhar e dar atenção a esse tipo de situação. A palavra proferida assume uma função de integração social muito maior do que o não verbal. Para estabelecer as relações sociais, a palavra proferida tem maior eficácia. Mas o que dizer do senhor FQ que, na grande maioria das vezes, não consegue assegurar a manutenção e a transmissão de seus sentimentos, seus desejos, de seus valores, de sua memória,



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

visto que a palavra proferida está além de comunicação como transmissão de informação?

CONCLUSÕES

Por meio da visão da Neurolinguística Discursiva (Conferir: COUDRY, 1986/1988; 1996; 2008), observamos o que é normal e patológico na linguagem de FQ que, por meio de gestos, faz-se entender. Esse processo é inerente ao funcionamento da língua(gem) e não tem vínculo necessariamente direto com a lesão neurológica em si, mas estabelece aporte para sustentar turnos conversacionais em meio as suas dificuldades linguísticas. Talvez, o fato de termos além de uma vida corrida, uma vida atribulada, lutando sempre contra o tempo para conseguirmos nos manter numa sociedade em que a produção é o foco, temos uma sociedade que valoriza o letrado. Dessa forma, traços do não verbal (normal no uso da palavra proferida) não são observados por nós da mesma forma que são nas sociedades de tradição oral.

REFERÊNCIAS

COUDRY, M.I.H. **O Diário de Narciso**: Discurso e Afasia. SP: Martins Fontes, 1986/1988.

_____. O que é dado em Neurolinguística? In: **O método e o dado no estudo da linguagem**, Maria Fausta C. Pereira de Castro (Org.), Campinas: Editora da UNICAMP, 1996. p. 179-194.

_____. Neurolinguística Discursiva: Afasia como tradução. In: COUDRY, M. I. H; SAMPAIO, N. F. S; ISHARA, C. (Org.). **Estudos da Língua(gem)**. Número temático: Estudos em Neurolinguística. v. 6, n.1, junho de 2008.

HOUIS, M. **Anthropologie linguistique de l'Afrique noire**, Paris: PUF, 1971.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

JAKOBSON, R. [1959]. **Lingüística e Comunicação**. Trad. Isidoro Bliksteine e José Paulo Paes, São Paulo: Editora Cultrix, 1975.